



**“VIVER COMO UM MONSTRO OU MORRER COMO UM HOMEM BOM”¹:
ALGUNS PENSAMENTOS [SOLTOS] SOBRE UM DEVIR-CORPO-PESQUISA E
PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO”**

Cristian Poletti Mossi – UFSM/RS

Resumo: Que relevância tem nossos intuitos e nossos objetos de pesquisa, para além de nós mesmos? Nossas pesquisas poderiam ser pensadas enquanto espécies de delírios onde criamos/inventamos nossos próprios objetos para poder deles nos nutrir? De acordo com as ponderações que fizemos para tais questionamentos, que contribuições trariam para o modo como entendemos as pesquisas e a produção de conhecimentos no campo da educação? No intuito de problematizar tais indagações, o artigo apresenta como fio condutor o filme “Ilha do Medo” (Shutter Island, Martin Scorsese, EUA, 2010), para falar de pesquisa e produção de conhecimentos em educação. Nesse sentido pontuam-se algumas questões gerais da narrativa fílmica para na sequência apresentar as intenções de pesquisa do autor em seu projeto de tese de doutoramento, onde corpo e formação são questões centrais, para ao final tensionar os impactos dessas reflexões na investigação.

Palavras-chave: Pesquisa; educação; corpo;

Delírios iniciais

Este artigo pretende lançar mão de questões investigativas que venho propondo-me em meu projeto de tese de doutoramento e problematizá-las a partir de algumas inquietações que surgiram mediante a participação em uma das disciplinas curriculares obrigatórias por mim cursadas: o Seminário de Tese II, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

De antemão coloco que, como fio condutor – problematizador – do texto, utilizarei algumas questões em mim suscitadas a partir da assistência e da discussão do filme “Ilha do Medo” (Shutter Island, Martin Scorsese, EUA, 2010) propostas na disciplina.

¹ Questionamento final feito pelo personagem principal da trama ‘Ilha do Medo’ (Teddy Daniels, interpretado por Leonardo DiCaprio), com o qual estarei dialogando neste texto, a fim de pensar os intuitos e os resultados que inventamos, buscamos e produzimos em nossas investigações.

No filme, os oficiais Teddy Daniels (*Leonardo DiCaprio*) e Chuck Aule (*Mark Ruffalo*) investigam a possível fuga de uma paciente do *Shutter Island Ashecliffe Hospital*, em Boston, uma ilha-presídio-hospício que abriga criminosos perigosos com sérios problemas mentais. Nela, o oficial interpretado por DiCaprio encontra resistência por parte da diretoria do hospital em oferecer informações para sua investigação além de sofrer de fortes dores de cabeça e de ser atormentado por lembranças de sua falecida esposa e pelos horrores vividos durante a 2ª Grande Guerra Mundial nos campos de concentração alemães. Por fim, em meio a momentos de profunda confusão, e de incerteza de sua própria sanidade, Teddy Daniels acaba por descobrir que ele próprio é um paciente do hospital recuperando-se do trauma de ter matado sua esposa após a mesma ter assassinado seus três filhos e que Chuck Aule não é nada mais que o médico psiquiatra envolvido com seu tratamento.



Cartaz do filme “Ilha do Medo”

Fonte: <http://forum.outerspace.terra.com.br>

Inúmeras foram as reflexões que este filme me provocou. Afinal, que relevância tem nossos intuitos e nossos objetos de pesquisa, para além de nós mesmos? Nossas pesquisas poderiam ser pensadas enquanto espécies de delírios onde criamos/invencionamos nossos próprios objetos para poder deles nos nutrir? De acordo com as ponderações que fizemos para tais questionamentos, que contribuições trariam para o modo como entendemos as pesquisas e a produção de conhecimentos no campo da educação? Ao dar-se conta de sua condição, já ao

final do filme e prestes a ser lobotomizado², o personagem Teddy Daniels pergunta-se se valeria mais a pena “viver como um monstro, ou morrer como um homem bom”, ou seja, seguir vivendo em seu delírio, sem encarar sua condição, ou dar-se conta de quem era e do que tinha feito e aceitar uma série de sofrimentos. Creio que tal questionamento, que inclusive intitula este texto, é bastante profícuo ao pensarmos em nossas pesquisas e nos intuitos que podemos ter *com e a partir* delas. Há uma verdade inquestionável a qual buscamos em nossas investigações? Há uma essência em nossos objetos investigativos, a qual se encontra oculta, profunda, que estou impedido de ver por algum motivo e que o ato investigativo me possibilita encontrar? E, nesse sentido, considerando que a resposta para tais questões – ao menos na perspectiva que parto aqui – não encontra eco, há algo (ou alguém) que não seja inventado, construído, colocado dentro de uma lógica aparentemente coerente a fim de funcionar enredado em um contexto de complexidades o qual nos faz reconhecer certas coisas como “boas” e/ou “monstruosas”?

Já de início coloco que, neste texto, tentarei me distanciar de perspectivas essencialistas de pesquisa, as quais vislumbram um desvelamento de verdades ocultas, onde é possível encontrar um *por de trás* dos objetos investigados e assim balizar conclusões inquestionáveis. Nesse sentido, partirei como infere Foucault (1979, p. 07), da noção de que

O problema não é de se fazer partilha entre o que num discurso releva da cientificidade e da verdade e o que relevaria da outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos.

Nessa perspectiva, tudo, inclusive nossos objetos investigativos e também nós mesmos, somos produzidos, inventados e localizados historicamente, afetados por inúmeros fatores e vistos em determinados momentos, conforme o contexto em que se dispõe a funcionar como “normais” e/ou “anormais”, “verdadeiros” e/ou “falsos”. Desse modo, o que está em jogo pensar aqui não se localiza em tais oposições binárias e, nesse sentido, não há uma essência a espera de alguém melhor ou mais habilitado a encontrá-la. O que possibilitaria que certas coisas sejam ditas e vistas ou não são os regimes de verdade impostos por relações de poder que regem “um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, conseqüentemente,

² Em épocas antigas, a lobotomia (retirada de uma parte do cérebro do paciente – lobos) era usada em pessoas com certos tipos de doenças mentais como forma de acalmá-los. Atualmente, nesses casos a técnica cirúrgica foi substituída por medicamentos ou psicoterapia.

suscetíveis de serem verificadas ou informadas por procedimentos científicos” (FOUCAULT, 1979, p. 04).

Desse modo, à continuação, localizo minha trajetória formativa, a qual dá vazão às questões investigativas que têm me ocupado atualmente, as quais estarão constituindo meus estudos de doutoramento. Posteriormente procuro situar algumas das impressões causadas em relação às discussões possibilitadas pelo filme “Ilha do Medo” e acerca do que pode significar fazer pesquisa e produzir conhecimentos no campo da educação a partir dos parâmetros citados anteriormente. Finalmente busco alinhar de que modo posso pensar minha própria pesquisa e formação profissional a partir dessa visualidade.

Sobre invenções de um devir-corpo-pesquisa, de um devir-corpo-artista/professor/pesquisador

Ao situar minhas atuais inquietações investigativas e tentando pensar não só a pesquisa, mas também a própria trajetória que se inventa e que nos inventa, nos produz ao longo do tempo, faz-se importante, a meu ver, primeiramente lembrar um pouco de minha trajetória formativa/acadêmica, no intuito de explicitar alguns dos caminhos que inventei para mim e que me trouxeram até aqui, fazendo-me assim pensar as coisas que penso hoje e preocupar-me com as questões que hoje me preocupam.

Minha trajetória sempre foi constituída a partir do atravessamento de inúmeros caminhos que não necessariamente passaram diretamente pelo campo da Educação enquanto área de conhecimento, contudo hoje percebo que sempre estiveram de algum modo, contaminados, afetados por ela.

Concluí minha graduação em Desenho e Plástica – Bacharelado e, logo depois, ingressei por uma seleção interna que havia nesse mesmo curso a fim de dar seguimento às disciplinas da Licenciatura nessa área. Este fato, embora possa parecer ínfimo, ocasionou em mim um tipo de formação muito específica no qual primeiramente me tornei bacharel, com uma alta carga horária em ateliês de práticas em linguagens artísticas, para posteriormente pensar em uma carreira docente, vinculada ao ensino e à pesquisa. Ou seja, me formei primeiramente

“artista”³ para posteriormente ser professor, dentro de uma lógica ainda bastante ligada aos currículos de arte modernistas, que prevaleceram no Brasil desde a segunda metade do século passado, de que prática e teoria eram coisas diversas – considerando que a segunda seria proveniente da primeira – e que, por assim dizer, saber ‘fazer’ também significaria saber ‘ensinar’. Que saber ‘ensinar’ seria um resultado do saber ‘fazer’⁴.

Dando seguimento à minha formação, cursei uma especialização em Design para Estamparia, onde trabalhei por um tempo com a área de moda, ainda muito focado na prática criativa/artística, ingressando mais tarde no Mestrado em Artes Visuais com um trabalho no campo da História, Teoria e Crítica de Arte.

Nesse último, propunha-me a pensar entrelaçamentos a partir de duas obras das artistas contemporâneas Claudia Casarino e Vanessa Beecroft, as quais trazem respectivamente vestes sem corpos e corpos sem vestes na poética de seus trabalhos. Neste estudo me propus a discutir, a partir das vestes, corpos e de suas respectivas ausências e presenças, os conceitos de *territorialidade* (entendendo o corpo e as vestes como tais), bem como pensar as possibilidades de imbricamento entre as poéticas das artistas citadas, o que chamei em minha dissertação⁵ de *sobrejustaposições*⁶. Durante este trabalho, produzi um diário visual baseado no conceito de *diagrama*⁷ trazido por Basbaum (2007), o qual fazia uso de palavras e imagens para propor conotações pessoais acerca das temáticas utilizadas pelas artistas e das obras propostas.

³ Utilizo tal expressão entre aspas simples por entender que no atual sistema social/cultural/histórico que atuamos, um curso de graduação não é o único pré-requisito para alguém ser entendido enquanto artista em nossa sociedade ocidental, há inúmeras outras questões que atravessam essa profissão atualmente para que a mesma seja legitimada como tal.

⁴ A escola alemã de arquitetura, artes plásticas e design conhecida por Bauhaus, que teve grande atuação na Alemanha do início do século XX foi uma forte influência para alguns currículos de arte de todo o mundo, inclusive do Brasil.

⁵ Dissertação intitulada ‘Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte – suturas e sobrejustaposições entre vestes sem corpos e corpos sem vestes’, concluída e defendida em março de 2010.

⁶ Conceito-palavra construído a partir da licença poética resultante da união das palavras sobreposição e justaposição.

⁷ Diagrama enquanto “um tipo de esquema visual” que “sempre junta palavras e imagens, utilizando recursos gráficos para criar um dispositivo visual”. Basbaum (2007, p.61) infere que “toda vez que o espectador é capturado pelo trabalho em um campo de intensidades, um diagrama pode ser traçado/desenhado, materializando este processo, este devir (...). Assim, diagramas desempenham o importante papel de conectar, mediar, relacionar, associar – não de um modo passivo (...) mas de uma forma dinâmica e ativa (...) – matérias que se revestem de heterogeneidade, indicando e construindo regiões de contato”.

Em setembro do mesmo ano, fui aprovado como professor substituto do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN) do Centro de Educação (CE) dessa mesma instituição, onde trabalhei basicamente com formação inicial de professores da área das licenciaturas em artes visuais, pedagogia e educação especial.

Foi inevitável durante tal experiência, trazer conceitos que estava pensando durante a construção de minha dissertação para minha prática na formação docente em artes visuais e, do mesmo modo – e como um contraponto – pensar as imagens das obras que estava problematizando em meu trabalho de mestrado com um olhar proveniente de minha vivência enquanto professor. Ou seja, na primeira discutia a ausência e a presença do corpo e sua relação com as vestes (do mesmo modo, ausentes e presentes) na poética das obras já mencionadas, produzindo assim um discurso legitimador das mesmas. O que fazia em sala de aula também envolvia corpos que se propunham a um devir-ser professor. Eram corpos conformando-se a partir de práticas e dispositivos específicos lançados por mim e, para tanto, havia de produzir discursos específicos com relação ao campo da docência em artes visuais.

A partir do exposto posso afirmar que, trabalhando entre os campos da história/teoria/crítica e da educação das artes visuais (formação docente), constituí um *desvio* em minha formação. Ou seja, produzi possibilidades alternativas de caminhos que me fizeram vivenciar tal experiência de um modo muito específico, que não hierarquiza uma área com relação à outra, mas vê possibilidades nas contaminações *entre* as mesmas.

Atualmente meus intuitos de pesquisa, os quais me ajudarão na construção de minha tese de doutorado, transitam em torno de pensar a formação (seja ela de vida e/ou profissional) enquanto conformação corpórea, em meio ao cruzamento de desvios e o compilamento de *sobrejustaposições*. Nessa perspectiva, não falo de um corpo que é somente orgânico, mas de um corpo intensivo, um corpo de agenciamentos múltiplos ao modo de Deleuze e Guattari (1996).

Desse modo, interessa-me partir de uma perspectiva onde possa ser entendido que quando aprendo algo, ou quando executo determinada conduta há uma inscrição que fica marcada em mim, no meu próprio corpo (KASTRUP, 2007). Neste caso específico, estou falando de um

corpo docente, ou ainda corpos que se tornam docentes e que agenciam⁸ *sobrejustaposições* e percorrem *desvios*.

A noção de sobrejustaposição (licença poética resultante da união sobrejustaposta nela própria das palavras sobreposição e justaposição), tal como a venho pensando até então, evidencia o ato de sobrepor e justapor ao mesmo tempo, no mesmo ato e com a mesma intensidade elementos e significados de diversas ordens e lugares. Tal (des)ordem lingüística designa o processo e o resultado da ‘coleta’, ‘combinação’ e ‘descarte’ que pode ocorrer a partir de produções discursivas variadas (verbais, orais, visuais, entre outros) e que oferece um resultado provisório a partir da prática da produção de sentidos ao longo do processo formativo. Possibilita atrelar sentidos a objetos e conceitos, estabelecer entremeios, vias, canais, superfícies e percursos orgânicos na relação sobreposta e justaposta de camadas sensoriais e perceptivas.

A ideia de desvio nos lança a possibilidade de um caminho que foge à regra usual. É uma viabilidade de percurso que se interpõe ao trajeto cursado geralmente. É um recurso, uma opção dentre tantas muitas. Um caminho que não necessariamente nos facilita o trânsito, não é uma opção melhor, nem tampouco menos íngreme ou com menos perigos, mas é uma estratégia para quem assim se disponibiliza.

No viés que venho me propondo a trabalhar até então, o corpo se desloca e se propõe a um devir-corpo, a um devir-pesquisador, a um devir-professor. Nesse percurso que pode de toda a sorte ser (d)escrito e inscrito, há invenções múltiplas as quais não se tornam menos reais simplesmente por não poderem ser observadas solidamente, no plano das medições, amostragens e constatações.

O monstro e o homem bom *ou* a pesquisa como loucura

Talvez pareça estranho falar de pesquisa e de ser pesquisador, utilizando o exemplo de um personagem diagnosticado como louco, como é o caso de Teddy Daniels em “Ilha do Medo”.

⁸ Para Silva (2000, p. 15) este termo “é utilizado para significar qualquer combinação ou ligação dispare – sem qualquer hierarquia ou organização centralizada – de elementos, fragmentos ou fluxos das mais variadas e diferentes naturezas: ideias, enunciados, coisas, pessoas, corpos, instituições”.

Talvez pareça estranho falar de academia e, para isso, utilizar o exemplo de uma ilha-presídio-hospício. Talvez pareça estranho falar de produção de conhecimento e para tanto reportar-se a delírios. Geralmente ao falarmos de pesquisas, pesquisadores e comunidades acadêmicas, nos reportamos com uma postura de seriedade a produções, pessoas e espaços que em nossa sociedade ocupam o lugar de legitimadores de verdades quase incontestáveis e que estão muito distantes daquilo que chamamos de loucura.

Contudo, a reflexão que proponho aqui, infere diretamente na ideia de que uma investigação, por mais séria e congruente que possa ser (e não estou dizendo com isso que as investigações nunca são sérias) é que elas sempre são invenções mergulhadas em regimes discursivos de verdade que as legitimam como tal. O próprio diagnóstico de ‘loucura’ pode ser pensado dessa forma. Foucault (1979, p. 04), conhecido em alguns momentos como o filósofo da descontinuidade, em certo momento afirma que

Meu problema não foi absolutamente de dizer: viva a descontinuidade, estamos nela e nela ficamos; mas de colocar a questão: como é possível que se tenha em certos momentos e em certas ordens de saber, estas mudanças bruscas, estas precipitações de evolução, estas transformações que não correspondem à imagem tranqüila e continuista que normalmente se faz?

Por esse viés, a pesquisa é sempre uma espécie de manutenção e inferência dessas ordens de saber e verdade, deflagrando mais as causas que ocasionam certas precipitações nos discursos do que o discurso em si, ou ainda as tramas que possibilitam que certas coisas sejam pensadas, ditas, vistas e outras não.

Por tudo isso, a pesquisa é sempre um enfrentamento, um *perturbamento*. Longe de ser um ato contínuo, o qual opera em um lugar de certezas e estabilidades, nos lança a terrenos movediços, de incompletudes e sinuosidades, onde conseguimos firmar os pés no chão e dá-los por assentados por muito pouco tempo. Frente a problemas de ordem investigativa, colocando-nos em movimento constante de indagações e incompreensões.

Os caminhos inventados por mim ao longo de minha trajetória e na produção de minha investigação as quais narro anteriormente – e aí incluo os conceitos apropriados de outros autores que convido para dialogar comigo ou outros invencionados por mim mesmo – podem ser, sem dúvida, pensados dentro dessa lógica. Não significa que minha trajetória ou minha

pesquisa são as únicas aceitáveis, ou as mais corretas, ou as melhores, mas sim as possíveis. Não significa que minha pesquisa e essa trajetória que me trouxe a questionar as coisas que me questiono hoje e investigar as coisas que hoje investigo desvelarão algum tipo de verdade irrevogável ou *mais real*, mas as verdades e as realidades possíveis.

No filme “Ilha do Medo”, Teddy Daniels mesmo encontrando-se com uma realidade sobre si – realidade esta de ter assassinado a esposa após a mesma ter matado seus três filhos – ainda assim se pergunta se não seria melhor ter permanecido como um “monstro” e continuar vivendo, antes de ser lobotomizado e tornar-se um “homem bom” até o momento de sua morte. Poderíamos aqui pensar também uma morte simbólica, onde o Teddy Daniels que vivia até então e pensava ser um homem da lei envolvido em uma investigação, desaparece e dá espaço para outro, anestesiado, dócil, caçado por seus próprios atos.

Creio que em termos de pesquisa, não se trata nem de uma coisa (ser um monstro e continuar vivendo) nem de outra somente (ser um homem bom e perseguir a morte), mas sim de conseguir transitar entre as duas. Talvez seja preciso um tanto de loucura e de sanidade na mesma medida a fim de fazer pesquisa, de ser pesquisador, de inventar, transitar e dar vazão aos nossos objetos de pesquisa. Talvez seja preciso (e o é) morrer muitas vezes a fim de dar espaço para outros *eus* nesse percurso.

A loucura de que falo aqui, está longe de ser entendida pejorativamente como a valia de quaisquer parâmetros, ou ainda como a falta de critérios ou de seriedade e congruência para se fazer pesquisa. Convido pensar a loucura como a invenção de objetivos e de parâmetros próprios para alcançá-los, de métodos para que isso aconteça. A loucura como resistência a certas realidades, mas invenção, produção de outras. A loucura como envolvimento e mergulhamento em parâmetros que são compreensíveis para o eu pesquisador, mas que podem contagiar a uma comunidade ou parte dela. A pesquisa-loucura como invenção da própria pesquisa-loucura e de seus objetos de interesse para continuar (sobre)vivendo.

Desfamiliaridades, fragmentos e lembranças do que eu não vivi

O que são nossas pesquisas se não a compilação de fragmentos que vamos ordenando na tentativa de construir com eles um plano de significados possíveis a partir de nossas temáticas

e objetos de pesquisa? Esses fragmentos, nem sempre são resultantes de constatações ou de lembranças, mas principalmente de uma produção de sentidos a partir de invenções de realidades e de lembranças de situações ainda não vividas, possíveis a partir do enfrentamento com o *outro* da pesquisa – nossos objetos investigativos – outro este que por vezes pode reportar-se a nós mesmos.

Este outro nos interpela, nos desacomoda e nos *desfamiliariza*, possibilitando conjunturas múltiplas. A dita sanidade pode ser pensada como a conformação dessas desfamiliaridades, onde tudo o que é estranho adquire um lugar para ser olhado, pensado e normalizado. Já a loucura pode ser vista como a aceitação dessas desfamiliaridades, onde a complexidade e a abertura das situações vividas nunca se conformam, nunca encontram um encaixe, uma coerência, uma familiaridade ou normalidade.

No filme “Ilha do Medo”, o personagem Teddy Daniels a todo o instante é interpelado por lembranças, algumas que vivenciou, outras fruto de sua mente, mas que acabam se tornando reais para ele. As sobreposições e justaposições de cenas proporcionam uma temporalidade única, produzida por diversas camadas de temporalidades. O tempo da guerra, as lembranças de sua esposa e o tempo que vivia com ela, algumas situações que ele não viveu, mas que, como fuga do tempo presente, talvez invente para viver em um *destempo*. É difícil para o espectador da narrativa fílmica compreender em que tempos as cenas acontecem, especialmente ao descobrir que Daniels na verdade é um paciente do hospício. É preciso, a partir dos fragmentos apresentados, produzir uma possível continuidade.

Em nossas pesquisas, inúmeras vezes não aceitamos essa destemporalidade, essa descontinuidade, essa falência e esse estranhamento que são tão produtivos quanto o que já está instituído, normalizado. A pesquisa é uma experiência, e a experiência é feita de fragmentos múltiplos e descontínuos, da mesma forma que os produz. Nós somos, enquanto pesquisadores, o resultado de fragmentos e descontinuidades e, do mesmo modo, os deixamos pelo caminho para que tantos outros os ocupem.

A investigação que estou me propondo a produzir em minha tese de doutorado será construída mediante fragmentos resultantes de minha trajetória formativa enquanto artista/designer/pesquisador/professor no campo das artes visuais e das tantas mais

experiências a que venho tendo durante os deslocamentos que me disponho a fazer, como no caso da disciplina Seminário de Tese II. Lembranças vividas e também do que ainda não vivi, já que narrar alguma coisa é em certa medida lembrar-se de um fato e contá-lo de outro modo, dar a ele uma característica própria de modo que a narração se torne outra coisa que não o fato em si.

Tal pesquisa, nesse sentido, não será sobre mim, mas a partir de mim e do que tenho vivido levando em conta os diferentes papéis com os quais negocio e atuo diariamente, a partir das diferentes *sobrejustaposições* e desvios que produzo ao longo de minha formação corpórea/subjectiva. Pretende-se também ser para tantos outros que tiverem acesso a ela um reservatório de fragmentos e lembranças vividas e não vividas que, quem sabe, possam ser úteis (ou não) para suas próprias trajetórias formativas.

Quando falo em *sobrejustaposições* falo de uma prática de produção de sentidos a partir de fragmentos, lembranças. Discursividades de diferentes ordens as quais eu faço uso para me colocar frente ao mundo enquanto artista/designer/pesquisador/professor. Também para dar sentido ao que chega até mim, ao que me proponho vivenciar a partir dos desvios, das possibilidades de caminhos que invento no intuito de ‘coletar’ e ‘transformar’ os fragmentos e lembranças e assim dar a vê-las aos outros.

Compreendo assim a formação e, por que não, a própria pesquisa – que também é fragmento no processo formativo – enquanto algo em constante conjugação. Em constante processo inacabado, aberto às novas possibilidades de imbricamentos diversos, de confabulação de novas (des)ordens.

Referências

BASBAUM, Ricardo. **Além da pureza visual**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação** – um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.